

MEU JOELHO FALA, MAS NÃO FALHA!

 Katia Helena Faustino¹

¹ Professora e Coordenadora Pedagógica na Educação Básica. Mestra e Doutoranda em Estudos de Linguagens- CEFET-MG; Pós Graduanda em “O Círculo de Bakhtin em Diálogo: Linguagem, Cultura e Sociedade” - Mentas Abertas/Faculdade Sudamérica. E-mail: kahefa3@gmail.com.

Recebido em: 04/05/2025

Aprovado em: 18/05/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Era um daqueles inícios de noite em que Belo Horizonte decidia brincar de estacionamento gigante, transformando suas vias em filas intermináveis de metal e impaciência. Lá estava eu, a tia ao volante, com minha sobrinha/afilhada copiloto, presas no labirinto de asfalto que conecta a capital mineira a uma cidade da região metropolitana, cujo nome, naquela hora, parecia ser apenas um boato distante.

Meu carro, um valente de dez anos e não automático, parecia competir em um torneio de quem faz a perna esquerda doer mais. Entre uma troca de marchas e outra, minha perna não só falava como dava discursos inflamados sobre a injustiça de seu trabalho incessante. Em meio a esse monólogo muscular, nossa conversa oscilava tanto quanto estação de rádio mal sintonizada em estrada de interior.

Numa orquestra de buzinas de motoqueiros que pareciam acreditar que seus destinos eram mais importantes que o de todos, enquanto um caminhão, com a agilidade de uma tartaruga reumática, insistia em desfilar na pista da esquerda, sua carroceria balançando ao ritmo de uma dança desconhecida e barrava todos os motoqueiros que formavam filas ao nosso lado.

Na pista central, uma motorista, imersa em seu próprio show particular, parecia ter confundido a rodovia com uma pista de dança, com fones de ouvido, criando uma trilha sonora para a lenta aventura. O ar se enchia de um aroma duvidoso, e o debate sobre a origem do cheiro se tornava tão intenso quanto uma discussão filosófica. Seria o meu carro? O caminhão ao lado? O da frente? Na verdade, eram cheiros ruins de todo lado.

Com o ar-condicionado estragado, tínhamos que suportar os odores e agradecíamos aos céus por não chover, embora, no fundo, um banho repentino não fosse a pior das ideias. Descidas traziam um alívio temporário, mas cada subida era um convite para um recital de dores e lamentos do joelho esquerdo. Entre algumas paradas, puxava o freio de mão e esticava a perna. Se fosse um exame de autoescola, eu teria tirado dez em controle de embreagem _ isso se a nota não fosse dada pelo meu joelho, que, creio eu, me reprovaria por uso abusivo.

Minha sobrinha, por outro lado, para não demonstrar nervosismo e impaciência, aproveitava o momento para me iluminar com uma dissertação sobre carrocerias de caminhão, um conhecimento

adquirido, graças à convivência com o namorado. Confesso, aprendi termos que jamais imaginaria, mas que escaparam da memória tão logo foram mencionados. Entre estudos de carrocerias e pequenas paradas, resolvi enviar uma mensagem para minha professora sobre a possível ausência na aula. O pior é que já havia faltado à aula passada também!

E a prosa continuava... Falamos de fome, de conceitos aprendidos na aula de semiótica, descrevendo o “texto”, o “contexto”, o “gênero” e tentando ver por várias perspectivas: dos motoqueiros, dos motoristas de caminhão, dos motoristas de carro e dos passageiros que estavam em pé em um ônibus lotado. Com certeza, quem estava em pé no ônibus estava mais incomodado... ou não. Afinal, o joelho estava apenas ajudando a sustentar o corpo enquanto o meu e o dos demais, que não têm câmbio automático, estavam sob muita pressão. Numa tentativa de esquecer que estávamos nos movendo como tartarugas, ou seria como cágado ou jabuti? É uma analogia que fazemos errado, porque tartaruga nada bem ligeira..., mas deu para entender, né? Vou deixar para falar de Quelônios em outra oportunidade. Com um “movimento parado” vinham os desabafos: ainda bem que fomos ao banheiro antes de sair! Ainda bem que tem combustível!

A copiloto olhava no Google Maps a previsão de chegada, a quilometragem da lentidão e onde estava o acidente, o que, na verdade, não resolvia muita coisa porque não tínhamos outro caminho... E o caminhão sem noção, ou o motorista que não gostava de motoqueiros, saiu da nossa frente, o que nos deu um certo alívio, mas ficamos atrás de outro caminhão, que era de gás! Não fiquei muito confortável, a cabeça começou a imaginar coisas piores e resolvi passar para a fila do meio, mesmo porque a pista da esquerda interditada no local do acidente. Uma vez superado o local do acidente, as pistas liberadas transformaram alguns motoristas ao redor, em pilotos de fuga, ansiosos por recuperar o tempo perdido.

Motivos eu tinha para correr, estava atrasadíssima para a aula de um curso que eu queria muito participar, mas mais motivos para não correr. Quando finalmente chegamos, três horas depois, a aula online das 19h30 em que eu deveria apresentar uma crônica, já tinha virado gravação. Minha crônica, bem, esta crônica acabou substituindo a que eu havia preparado.

E assim, após uma jornada épica pelo caos do trânsito, concluo: às vezes, a melhor história é aquela que você vive, especialmente quando você está presa no trânsito, aprendendo sobre caminhões e redescobrimo o significado da paciência, enquanto se escuta a voz do seu joelho.